

Assim na terra como no céu: Fazenda Nova Canaã, arquitetura de um milenarismo

Luciano Modes*

Resumo

Sonhos e utopias são elementos que perpassam certos tipos de fenômenos religiosos. Por vezes, cabe ao sonho e à utopia a gestação de uma nova proposta de realidade social, normalmente contrária à sociedade como um todo. Quando o povo de Israel era escravo no Egito, suas preces ecoavam em favor da justiça e de uma terra que pudessem cultivar sem serem explorados. Segundo o relato bíblico, o Deus Javé ouviu suas orações (Ex 3) e enviou um profeta de nome Moisés para libertar o povo e direcioná-los para uma terra que significaria o renascer para uma nova vida. Ao longo dos anos que se passaram, essa proposta de tentar recriar aqui “a terra que mana leite e mel” se repetiu várias vezes, como é o caso de Canudos. A Fazenda Nova Canaã (FNC) é um projeto social da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) no sertão da Bahia, que se valeu de elementos bíblicos e do imaginário local para se apresentar como uma recriação de um passado perdido e uma proposta que se assemelha muito a um projeto milenarista localizado no aqui e agora. Ela procura se mostrar como a materialização de uma realidade sonhada, construída ideologicamente com elementos da cidade santa de Antonio Conselheiro (Canudos) e de imagens bíblicas do Êxodo. Mas, além disso, a FNC é um excelente produto de marketing que projeta uma imagem bem trabalhada e distribuída pelo império midiático da Igreja Universal do Reino de Deus.

Palavras-Chave: Milenarismo, Sonhos e Utopias, Igreja Universal do Reino de Deus, Canudos, Fazenda Nova Canaã.

Abstract

Dreams and utopias have always been in the center of the religious phenomenon. Sometimes, it is up to the dream and the utopia to engender a new project of social reality, usually contrary to society as a whole. When the People of Israel was a slave in Egypt, their pleas echoed in favor of justice and of a land which they could cultivate without being exploited. According to the Biblical story, the god lahweh

* Luciano Modes é mestrando em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo.

heard their prayer (Ex 3) and sent a prophet named Moses to free the people and lead them into a land that would mean their rebirth for a new life. In the course of the years that passed, that project of trying to create once more, here, “the land which flows with milk and honey” was repeated several times, as it is the case of Canudos. The “New Canaan Farm” (Fazenda Nova Canaã – FNC) is a social project of the Universal Church of the Kingdom of God (Igreja Universal do Reino de Deus – IURD) in the arid hinterland of Bahia that makes use of Biblical elements and the local imaginary to present itself as a recreation of a lost past and a project that much resembles to a millenarist project located in the here and now. It attempts to show itself as the materialization of a reality people dreamed of, ideologically constructed with elements of Antônio Conselheiro’s Holy City (Canudos) and Biblical images of the Exodus. Moreover, FNC is an excellent marketing product that projects an image which is well elaborated and widely published by the media empire of the Universal Church of the Kingdom of God.

Keywords: Milenarism, Dreams and Utopias, Universal Church of the Kingdom of God, Canudos, New Canaan Farm.

Introdução

A Fazenda Nova Canaã (FNC) em Irecê, no semi-árido baiano, aparece no discurso e retórica da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) como um paraíso aqui na terra. Ela é fruto de um projeto milionário, com grande exposição na mídia e que repercutiu e repercute ainda em vários setores da sociedade. O propósito desse artigo é abrir uma discussão que relaciona sonhos, utopias e a construção da Fazenda Nova Canaã. Dizer que a FNC é um projeto milenarista moderno, pleno, talvez seja ir longe demais. Mas esse também não é o objetivo aqui. Ao analisar a Fazenda da Igreja Universal, pretende-se observar como elementos milenaristas e da literatura judaico-cristã podem ser usados como materiais na construção da realidade social contemporânea.

A IURD, devido a sua projeção na mídia e crescimento espetacular, tem sido muito analisada por pesquisadores do fenômeno religioso.¹ Fala-se muito sobre a Igreja

¹ Para maiores informações sobre a Igreja Universal do Reino de Deus, cf. BONFATTI, Paulo. *A Expressão Popular do Sagrado*. São Paulo: Paulinas, 1998; CAMPOS, Leonildo Silveira. *Templo, Teatro e Mercado: Organização e Marketing de um Empreendimento Neopentecostal*. São Paulo/São

Universal, mas pouquíssimo tem sido feito para traçar um panorama de um de seus maiores empreendimentos: a Fazenda Nova Canaã. Neste trabalho não se pretende esgotar o assunto, mas contribuir com o debate científico, trazendo à discussão uma das maiores iniciativas da Igreja Universal, uma das igrejas que mais tem crescido em exposição e em números de freqüentadores no Brasil.

No entanto, não seria possível dar a atenção devida às imagens bíblicas e milenaristas usadas no discurso sobre a Fazenda ao mesmo tempo em que se procura aprofundar uma exposição em torno dela propriamente dita. É por essa razão que expressões bíblicas, carregadas de sentido, tais como “Nova Canaã”, “paraíso” e outras mais, terão seu aprofundamento deixados em um outro plano. Por hora, basta assinalar que tais termos são importantes na construção de novas realidades sociais. Sendo assim, é importante que o leitor os tenha em mente durante a leitura, mesmo sabendo que seu aprofundamento, por motivos de delimitação espacial e de propósitos, pudesse ir além daquilo que será apresentado. Na mesma linha, as citações a respeito de Canudos, muito importantes, mas também muito breves, não pretenderão esgotar todas as possibilidades de análise que possam porventura se abrir, mas lançar um fundamento mínimo para a discussão que se seguirá. Iniciamos com uma análise do que sejam utopias e sonhos. Essas marcações pontuais serão muito úteis, num segundo momento, ao se tratar de reinos milenaristas e a FNC em si.

1. Utopias e sonhos no centro dos reinos milenaristas

1.1 Um novo mundo: a utopia

Utopia já foi tema de diversas obras no passado. Thomas More² e Karl Mannheim³ são alguns exemplos. Para Mannheim, “um estado de espírito é utópico quando está em incongruência com o estado de realidade dentro do qual ocorre”.⁴ É uma

Bernardo do Campo/Petrópolis: Simpósio/Umesp/Vozes, 1997; MARIANO, Ricardo. *Neo Pentecostais: Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999.

² “Utopia”, palavra que vem da língua grega, significa “em lugar nenhum” e foi usada por Thomas More para designar a ilha deserta imaginária na obra sobre o melhor estado de uma república e sobre a nova ilha Utopia. Seu livro, *A Utopia*, fez muito sucesso em sua época e tornou-se modelo de todas as concepções posteriores do gênero. MORE, Thomas. *A Utopia*. São Paulo: Martin Claret, 2002.

³ MANNHEIM, Karl. *Ideologia e Utopia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.

⁴ Idem, p. 216.

construção ideológica que procura se exilar fora da realidade objetivada.⁵ Ela não se sustenta em fatos, mas em uma “fé” ou esperanças que acabam ganhando forma. É por isso que uma utopia pode se tornar poderosa. Uma vez que ela se levanta contra a ordem social, pode muito bem engendrar líderes opositores, religiões contestatórias, colocar a realidade objetiva em xeque.

Um dos aspectos da utopia e que lhe garante força é o que se chamará aqui de *estado de bem-estar*. As utopias podem ser respostas às dores do mundo⁶ e segregações, abusos, opressões são alguns dos seus agentes. Quando o mundo se torna tão duro e viver na sociedade se torna insuportável, é hora da utopia cumprir seu papel, oferecendo uma esperança de um mundo novo aos descontentes. Mesmo que seja duro pensar nessa possibilidade, mundos utópicos, mesmo que não existam de fato, são os únicos válidos para milhares de pessoas postas à margem pela sociedade. Esse mundo eleito, ainda que não exista de fato, cria uma sensação de bem-estar e atenua, no aqui e agora, as dores da realidade. Se esses mundos idealizados porventura chegarem a se materializar, por mais efêmeros que sejam, serão preservados por seus fundadores até a morte. Para muitos que neles vivem, são os únicos mundos pelos quais se vale à pena viver ou os únicos que fazem sentido.

Outro aspecto que mostra a força das utopias é, aplicando a linha de raciocínio de Desroche,⁷ o fato de ela estar encarnada nas pessoas que a engendraram. Para o autor, que fez suas pesquisas envolvendo a *esperança*, é como se as pessoas estivessem possuídas (leia-se possesadas) da esperança milenarista e messiânica. Ela encarnou. Monta nas pessoas.⁸ O messias – o salvador que pode levar a esperança a bom termo – é um bom representante desse comportamento. Nas palavras de Desroche, “um ‘Messias’ é um homem subjugado pelo deus, qual uma epiderme saturada pelo óleo, incorporada a ele pelo malaxar de uma mão paciente e inexorável; e este deus, que é a um só tempo mão e óleo, é também o *sagrado em estado selvagem*”⁹ [itálicos do autor]. Assim como a *esperança*, a utopia também possui as pessoas; entra nelas e as usa para cumprir seus desígnios. Nesse sentido, ela não difere em nada da esperança, analisada por Desroche.

⁵ Ibid., p. 228.

⁶ DESROCHE, Henri. *Sociologia da Esperança*. São Paulo: Paulinas, 1985, pp. 82-83.

⁷ Idem, p. 88ss.

⁸ Idem.

⁹ Ibid., p. 94.

1.2 O inconsciente coletivo: o sonho

Falar de sonhos não é evocar nada novo. Há mais de 100 anos, Freud viu no sonho um fenômeno que revela os processos inconscientes da mente, seus conteúdos reprimidos ou excluídos da consciência pelas atividades de defesa do ego.¹⁰ Mas a importância do sonho não ficou restrita apenas à psicologia. Com Bastide¹¹, a análise dos sonhos e seus desdobramentos coletivos se firmaram como objeto sociológico viável e útil. Em suas pesquisas, Bastide buscou analisar o conteúdo dos sonhos de diversas classes sociais. Sonhos das classes baixas. Dos negros. Dos ricos. Em resumo, seu pensamento tentava englobar um tipo de sociologia que não abandonava o homem depois que este dormia. Em suas palavras:

A sociologia se interessa apenas pelo homem desperto, como se o homem adormecido fosse um homem morto [...]. A pergunta que me faço é se o sociólogo tem o direito de ignorar a outra metade de nossa vida, de só querer encarar o homem em pé ou assentado. E não o homem deitado e sonhando.¹²

No entanto, apesar dos referenciais citados anteriormente, essa pesquisa trabalhará com um sentido diferente de sonho. Aqui, sonho não será relacionado ao período de sono. Pelo contrário, é um produto que resulta das aspirações, esperanças, imaginações tanto individuais quanto coletivas. Um sonho, nesse sentido, seria algo esperado ardentemente, não uma seqüência de imagens mentais que se tem à noite; antes uma expectativa, acordada, por um tipo de realidade utópica, inexistente, mas pretendida. Isso que pode também ser chamado de esperança possui, no entanto, uma característica interessantíssima assinalada por Desroche: “Poder-se-ia induzir que a esperança é duplamente inesperada: *não alcança aquilo que espera e alcança o que não esperava*”¹³ [itálicos do autor].

Como é possível perceber, sonho e utopia estão lado a lado. A utopia cumpre seu papel criando novos mundos de escape da realidade. O sonho coloniza esse

¹⁰ FREUD, Sigmund. *A Interpretação dos Sonhos*. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

¹¹ BASTIDE, Roger. *El Sueño, el Trance y la Locura*. Buenos Aires: Amarrortu, 1976. Também Idem. *Le Sacré Sauvage et Autres Assais*. Paris: Payot, 1975; Idem. “Sociologia do Sonho”. In: CAILLOIS, Roger, GRUNEBaum, G. E. von. *O Sonho e as Sociedades Humanas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978, pp. 137-148.

¹² BASTIDE, Roger. *Sociologia do Sonho*, p. 137.

¹³ DESROCHE, Henri. *Sociologia da Esperança*, p. 48.

espaço, fazendo com que as pessoas não tenham descanso até encontrá-los. Não vem ao caso se as utopias podem ou não ser alcançadas porque, indiferentemente de se *realmente* a realização dos sonhos é possível ou traz a felicidade, o importante é frisar que eles podem criar expectativas com desdobramentos sociais. Isso acontece quando os sonhos ganham um caráter coletivo, quando são compartilhados por grupos de pessoas. Essa “massificação” de sonhos cria um inconsciente coletivo poderosíssimo, que apoiou diversas revoluções e *todos* os messianismos existentes até hoje.

Um “messias”, líder reconhecido pelo povo como seu libertador enviado pela divindade ou não, nada mais faz do que acessar esse banco de sonhos, o inconsciente coletivo. Uma vez que os sonhos são canalizados para uma pessoa ou instituição que se acredita seja a realização desse sonho contido, seu poder de atração se torna irresistível. Por outro lado, o fracasso de tantos “cristos” ou tradições religiosas está ligado, em grande parte, à falta de identificação do inconsciente coletivo com esse dado messias. É preciso que o “candidato messiânico” convença as pessoas de que seus sonhos se realizarão, de que *e/le* é a resposta ou o depositário fiel desses sonhos por uma vida melhor.¹⁴

Ainda que os sonhos que povoam o inconsciente coletivo sejam os mais variados possíveis, sempre estarão ligados a elementos que compõem o cotidiano, a *realidade* existencial das pessoas. Para o que passa fome, pode vir na forma de comida, mas pode também vir na expectativa ardente de um lavrador por chuvas sobre sua plantação comprometida pela seca. Podem estar ligados a algum sonho de consumo, ou seja, um desejo intenso de consumo que pode vir na forma de um carro, casa, etc. Um sonho se apresentará, então, pelo desejo ardente por uma mudança radical na ordem estabelecida. Mas seja por uma necessidade física (falta de comida), ou por puro consumismo (a compra do carro “dos sonhos”), a realização do sonho está intimamente ligada ao sentimento de felicidade. A comida, a chuva e o “carro zero” vêm para trazer felicidade, porque a falta deles representa uma barreira que impede de se entrar no estado de bem-estar pretendido e utópico.

2. O lugar sonhado em que o bem-estar é permanente: o reino milenarista

¹⁴ CAMPOS, Leonildo Silveira. “O Milenarismo Intramundano dos Novos Pentecostais Brasileiros”. In: *Estudos de Religião*, Ano XIV, n. 18, 2000, p. 114.

Em linhas gerais, poderíamos dizer que o reino milenarista é a localização geográfica específica onde os sonhos e as utopias de uma grande parcela da sociedade se cristalizam. Nesse sentido, um reino milenarista pode ser entendido, *grosso modo*, como uma resposta à sociedade por parte daqueles que se sentem descontentes e insatisfeitos. É uma reconstrução da sociedade que se refaz a partir das “periferias” do poder. Entender esse processo de manutenção de poder *versus* descontentes é um passo importantíssimo em direção à discussão a seguir, sobre utopias, sonhos e reinos milenaristas, pois, como explica Laís Mourão:

As estruturas de dominação engendram por si mesmas espaços estruturais que as ameaçam constantemente, por serem pontos sobre os quais o processo de imposição ideológica não pode exercer plenamente sua ação. É nas áreas marginais da estrutura que as relações sociais deixam de reproduzir-se inteiramente segundo as exigências do sistema, abrindo-se possibilidades maiores de remanipulação ideológica por parte dos grupos aí situados.¹⁵

Vários autores já se debruçaram sobre reinados messiânicos e milenaristas para os analisarem. Alguns exemplos vão desde Euclídes da Cunha,¹⁶ com a sua clássica narrativa da destruição do arraial de Canudos, até Laís Mourão,¹⁷ Maria Isaura Pereira de Queiroz¹⁸ e Douglas Teixeira Monteiro.¹⁹ As conclusões de seus estudos fornecerão subsídios que apoiarão as análises que se seguirão. Trabalha-se aqui com o pressuposto de uma ligação íntima entre religião, utopia, sonhos e movimentos sociais. É a partir daí que se desenvolve o enredo que culminará no objeto a ser analisado: espaços criados para abrigar tais sonhos, crenças e utopias.

A necessidade de se marcar geograficamente um lugar que abrigará os sonhos e utopias é muito importante para o desenvolvimento de uma crença. Essa identificação é a responsável por fixar os ideais “extramundanos” num plano

¹⁵ MOURÃO, Laís. “Contestado: A Geração Social do Messias”. In: *Cadernos CERU*, n. 7, série 1, 1974, p. 68.

¹⁶ CUNHA, Euclídes da. *Os Sertões*. São Paulo: Cultrix, 1973.

¹⁷ MOURÃO, Laís. *Contestado...*

¹⁸ QUEIROZ, M. I. Pereira de. *O Messianismo no Brasil e no Mundo*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1976.

¹⁹ MONTEIRO, Douglas Teixeira Monteiro. “Um Confronto entre Juazeiro, Canudos e Contestado”. In: FAUSTO, Boris et al. *História Geral da Civilização Brasileira: o Brasil Republicano*. Vol III. São Paulo/Rio de Janeiro: DIFEL/DIFUSÃO, 1977, pp. 41-92.

“intramundano”. É quando os sonhos armazenados num inconsciente coletivo ganham forma. Há uma ligação entre o sofrimento e a materialização das esperanças em uma cidade santa. Como escreve Campos:

Um desalento com determinada ordem social pode desencadear tanto um processo de fuga da realidade construída socialmente, como também gerar novas utopias dentro de fronteiras que estabeleçam uma ordem social alternativa – dentro ou fora da sociedade experimentada pelos agentes naquele momento de crises e dificuldades.²⁰

É o modo de constituição da cidade santa que fará dela o modelo exatamente oposto da sociedade vigente.²¹ Suas fronteiras vêm oferecer proteção do caos do mundo exterior. Se a fome se alastra por todo o canto, esse será o lugar que abrigará a crença de colheitas abundantes, ou onde a doença será curada, ou onde o pobre viverá bem. A cidade santa será o lugar onde os sinais da realidade serão invertidos, como nas palavras de Antonio Conselheiro: “O mar vai virar sertão e o sertão vai virar mar”.²² Uma das características de uma cidade santa é, então, a sensação de que ela se separa da realidade social como experimentada por toda a sociedade. A realidade está bem delineada: do lado de dentro a felicidade, cura, abundância. Do lado de fora da cidade a morte, a escassez, o sofrimento.²³ É claro que isso tudo não passa de uma sensação apenas. A realidade é ocultada ou abrandada, pois a utopia, quando experimentada, aproxima-se de uma miragem. Desroche complementa: “E sua graça consiste nisso mesmo. Ela mente para dizer uma verdade [...] o que ela cumpre é sempre algo diferente daquilo que prometera, aquém ou além daquilo que prometera”.²⁴

2.1 Lugares que lembram

Postos estes fundamentos iniciais a respeito de sonhos e utopias, é possível se aproximar da fazenda da Igreja Universal. Nessa hora, uma pequena parada em Canudos pode se revelar muito profícua. A localização geográfica da FNC é muito próxima de onde era a cidade santa de Antonio Conselheiro. Essa proximidade, no

²⁰ CAMPOS, Leonildo. O Milenarismo Intramundano..., p. 102.

²¹ MOURÃO, Lais. Contestado..., p. 92.

²² Cf. CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*, p. 133.

²³ CAMPOS, Leonildo, O Milenarismo Intramundano..., p. 105.

²⁴ DESROCHE, Henri. *Sociologia da Esperança*, pp. 46-47.

entanto, pode ser mais do que coincidência e ir muito além do que apenas o compartilhar do mesmo lugar. Analisar lugares e como eles podem estar carregados de memórias que remetem a um passado não é coisa nova. Maurice Halbwachs,²⁵ um dos pioneiros no estudo sociológico da memória, ligava a lembrança ao grupo social onde ela é experimentada.²⁶ Seus estudos, no entanto, evoluíram muito com o tempo. Em um trabalho posterior, *La mémoire collective*, Halbwachs aprimorou seu pensamento. Quem explica é Barrera: “Halbwachs abandona a análise fundamentada nos grupos reais e passa a trabalhar com as correntes de memória; ele começa a explicar a memória coletiva como uma construção cultural”.²⁷

Dessa forma, lugares podem estar carregados de memória que remetem a um passado construído no consciente (ou inconsciente) das pessoas. Locais como o da crucificação de Jesus ou o do seu sepulcro despertam, ainda hoje, manifestações de religiosidade muito intensas. Experiências religiosas são vividas nesses lugares mesmo que eles não correspondam, de fato, aos verdadeiros locais onde se deram esses eventos. Isso acontece pela memória que está associada a tais lugares.

É possível fazer avançar a discussão sobre a memória de lugares e as construções milenaristas com um pensamento de Mannheim:

Quando a imaginação não encontra sua satisfação na realidade existente, busca refúgio em lugares e épocas desiderativamente construídos. Mitos, contos de fada, promessas supraterrâneas da religião, fantasias humanísticas, romances de viagens tem sido expressões, em contínua mutação, do que estava faltando na vida real.²⁸

Dessa forma, lugares comuns ou lugares ditos sagrados se revestem de importância muito grande. É nesse momento que eles começam a captar as frustrações dos indivíduos e passam a ser identificados como portadores de significado. Assim, ao se tornarem referência, seu valor se torna muito caro.

²⁵ HALBWACHS, Maurice. *Les Cadres Sociaux de la Mémoire*. Paris: Albin Michel, 1994; Também seu *La Mémoire Collective*. Paris: Albin Michel, 1997.

²⁶ Halbwachs, M. *Les Cadres Sociaux...*, p. VIII.

²⁷ RIVERA, Paulo Barrera. *Tradição, Transmissão e Emoção Religiosa: Sociologia do Protestantismo Contemporâneo na América Latina*. São Paulo: Olho d'Água, 2001, p. 36.

²⁸ MANNHEIM, Karl. *Ideologia e Utopia*, p. 228.

No entanto, antes de aprofundar mais a questão sobre a memória de Canudos e qual seu valor simbólico guardado no inconsciente coletivo do nordestino, é necessário meditar, ainda que brevemente, sobre a cidade santa de Antonio Conselheiro. O que era Canudos? Como surgiu e por que foi destruída? E ainda: o que buscava essa comunidade? E quanto a seus ideais? Foram destruídos junto com ela? Pensando em utopias e sonhos, essas perguntas são a porta para, num segundo momento, podemos entrar pelos portões da fazenda da Igreja Universal em Irecê.

2.2 *Entre os casebres de Canudos*

Canudos foi fundada em 1893 e rapidamente se tornou o maior povoado da Bahia, depois da capital.²⁹ Sua população atingiu mais ou menos 25 mil habitantes no auge, entre 1896-97. Entretanto, na época se tornou célebre não por seu tamanho, mas por sua aberta oposição às oligarquias regionais cooptadas pela República recém-instalada no Brasil.³⁰ Canudos era conhecida como “terra de fanáticos”, “reduto de Sebastianistas”. Na cidade de Antonio Conselheiro, a República nunca governou e o seu dinheiro não era válido.³¹ Assim também ocorreu como o casamento civil estabelecido pela República e ali se via com maus olhos a separação entre estado e igreja.

No centro de Canudos foi erigida uma igreja por Conselheiro e seus seguidores. Isso foi feito intencionalmente para mostrar a centralidade da religião contra um Estado tido como o anti-Cristo.³² No centro dessa religião estava o desejo de criar, aqui na terra, um reino onde governaria o próprio Cristo, assim como D. Sebastião e suas hostes santas. Era preciso estabelecer um reino diferente nesse momento em que o mundo estava acabando³³ e os que estivessem vivendo a última hora deviam se preparar para a vinda eminente do reino celestial. Seria a hora de retribuir os atos das pessoas e castigar a lei do cão – como a República era chamada. Canudos se

²⁹ Dossiê Canudos. In: *Revista USP*, n. 20, 1994, p. 27.

³⁰ DESROCHE, H. *Sociologia da Esperança...*, p. 81.

³¹ QUEIROZ, M. I. Pereira de. *O Messianismo no Brasil e no Mundo*, p. 238.

³² DESROCHE, H. *Sociologia da Esperança...*, p. 81; QUEIROZ, M. I. Pereira de. *O Messianismo no Brasil e no Mundo*, p. 238.

³³ QUEIROZ, M. I. Pereira de. *O Messianismo no Brasil e no Mundo*, p. 226.

tornou popularmente conhecida como a “antecâmara do Éden, a nova terra de Canaã”.³⁴

Nessa hora de julgamento acreditava-se que o mar se tornaria em sertão e o sertão se tornaria em mar, ou seja, haveria uma inversão da realidade. Quando o reino do Messias chegasse, a pobreza se acabaria, a fome e a miséria seriam extintas, pois D. Sebastião traria consigo riquezas incalculáveis. Não havia o que temer, pois Deus estaria entre eles. Fome, dor e sofrimento seriam coisas passadas. Esses elementos compunham os discursos proselitistas em toda a região do semi-árido, aonde a fama do Conselheiro e de Canudos chegavam. Obviamente as crenças nesses elementos todos corriam paralelas à realidade social vigente da época. Chuvas copiosas não vieram. Nem colheitas abundantes. Ainda que esperassem o melhor, o futuro mostrou apenas que coisas ainda piores estavam reservadas aos moradores de Canudos. Era hora, na opinião da República, de acabar com os fanáticos.

2.3. Os restos de Canudos: a esperança do retorno

A idéia da República parece ser a de querer fechar a porta para esse mundo chamado milenarismo. Fechá-la a força, até porque não seria possível um reino dentro dos limites da República. Esse é o fim de Canudos? Em parte a resposta é sim – Canudos foi varrida do mapa. Mas por outro lado, sua memória permaneceu viva. Esse é o lugar onde se acreditava não haver disputas pelo poder político. É onde há a possibilidade de ser feliz, pois ali Deus está. As crenças podem tomar novas roupagens com o passar do tempo, mas a ânsia por um lugar assim vai ser preservada dentro de quem compartilha as mesmas desventuras que proporcionaram o seu surgimento no passado.

Nessa perspectiva, é possível dizer que o sofrimento é um dos agentes do milênio. Como expressa Campos:

Há, nesses casos, possibilidades de se instalar, dentro de um mundo percebido como caótico, comunidades de pessoas que dialeticamente recusam e esperam, usando como referência e modelo para seus atos o mundo novo a ser implantado, o qual

³⁴ QUEIROZ, M. I. Pereira de. *O Messianismo no Brasil e no Mundo*, p. 227.

estaria mais adequado aos seus desejos, expectativas e necessidades.³⁵

Esse mundo esperado é a característica dos reinos milenaristas todos: geralmente se perderam no passado, mas estão à espreita logo mais à frente para voltarem à tona;³⁶ sua memória permanece.

Canudos não morreu dentro de uma parcela da sociedade. Os ideais de prosperidade, de abundância e da presença divina serão preservados da cidade arrasada. As casas foram destruídas, mas a esperança de dias melhores não foi posta abaixo. Eles continuam espalhados, guardados dentro do imaginário coletivo, apenas esperando o dia em que se materializarão, ganharão forma novamente. E quando isso acontecer a utopia voltará com toda a força. As pessoas buscarão refúgio uma vez mais sob seu cuidado. As casas voltarão a serem edificadas assim como a igreja (!) e a vida será reorganizada novamente em torno dessa cidade idealizada. De certa forma isso já está acontecendo. Pelo menos é o que a IURD quer fazer parecer: a Canudos de antigamente passou a reviver, mas sob outro nome. Ela possui novas casas (bonitas, com luz elétrica e água encanada) e uma nova igreja, é a terra da promessa esperada, o lugar onde “mana leite e mel”. Assim, é hora de analisar um pouco mais de perto o empreendimento da Igreja Universal: “Fazenda Nova Canaã”.

3. Fazenda Nova Canaã, Irecê, Bahia

Fundada por Edir Macedo Bezerra no ano de 1977, a Igreja Universal do Reino de Deus é uma instituição jovem que, com apenas 27, já administra um império de telecomunicações. Estamos diante da dona do terceiro maior canal de TV aberta do Brasil, a *Rede Record de Televisão*,³⁷ e detentora de dezenas de emissoras de rádio, cobrindo todo o território nacional.³⁸ Seu jornal, *Folha Universal*, possui uma tiragem regular de mais de um milhão e meio de cópias semanais, sem falar em revistas de circulação nacional como a *Plenitude*. Seus tentáculos avançam em

³⁵ CAMPOS, Leonildo Silveira. O Milenarismo Intramundano..., p. 103.

³⁶ Cf. DESROCHE, Henri. *Sociologia da Esperança*, p. 46.

³⁷ A *Rede Record* foi adquirida há quinze anos por quarenta e cinco milhões de dólares. Possui 63 retransmissoras, 21 das quais, próprias. A *Revista Veja* (20.07.05) avalia que seu valor de mercado seja atualmente quarenta vezes mais o montante pago na época.

³⁸ Cf. CAMPOS, Leonildo Silveira. “O Marketing e as Estratégias de Comunicação da Igreja Universal do Reino de Deus”. In: *Estudos de Religião*, Ano XII, n. 15, 1998, pp. 21-38.

direção de outros países,³⁹ simultaneamente em cinco continentes. Somando-se à sua hegemonia comunicacional sem paralelo entre outros empreendimentos religiosos, a IURD dispõe ainda de uma rede de templos que atualmente gira em torno de cinco mil, em oitenta países.⁴⁰

A FNC é um dos projetos de maior exposição midiática da Igreja Universal e à frente dele está o bispo Marcelo Crivella. Durante todo o ano de 1999, Crivella conduziu uma caravana levantando recursos entre os fiéis da Igreja e doadores que se sensibilizavam com a campanha maciça pedindo alimentos e roupas na Rede Record. A “Caminhada da Solidariedade”, como foi chamada, passou pelas principais cidades do Brasil e ainda África do Sul e Moçambique, na África. O *mensageiro da solidariedade*, CD lançado pelo bispo Crivella na ocasião, ganhou o disco de diamante com vendas superiores a um milhão e trezentas mil cópias, o que coloca o bispo da Universal entre os maiores cantores do Brasil em vendagem de CD's.

O lugar escolhido para abrigar a Fazenda foi a cidade de Irecê, na Bahia. Com pouco mais de cinquenta mil habitantes,⁴¹ Irecê está a 450 quilômetros da capital, Salvador. Localizada no semi-árido nordestino, em que o período de seca vai de março a novembro, Irecê possui Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) inferior a média nacional e estadual.⁴² A agricultura de subsistência é a base da economia local sendo o feijão, o milho e a cebola as principais culturas. Um dos problemas mais graves no município, e que rebaixa seu IDH, está na educação. Estimativas do IBGE de 1991 mostram que o número de chefes de família com menos de um ano de estudo chega a 40,2%. Se o prazo fosse estendido para três anos de estudos, 60,5% dos chefes de famílias não teriam completado até a terceira série do ensino fundamental.⁴³

³⁹ AUBRÉE, Marion. “A Difusão do Pentecostalismo Brasileiro na França e na Europa: o Caso da Igreja Universal do Reino de Deus”. In: *Estudos de Religião*, Ano XVI, n. 23, 2002, p. 16ss.

⁴⁰ Revista *Veja* (20.07.05). Segundo dados da própria Igreja Universal, o número de países em que atua chega a 90. Cf. *Revista Plenitude* (julho/05).

⁴¹ Os dados do IBGE são de 1996: <http://www.ibge.gov.br>

⁴² Cf. no site do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (19.05.05) o ranking dos municípios brasileiros no IDH. São Caetano do Sul/SP vem em primeiro lugar com 0.919. Irecê ocupa a posição de número 3.572, com 0.666 no IDH, abaixo, portanto, da média nacional de 0.769. O Estado da Bahia possui 0.693 de média. Os dados são de 2000 e atualizados a cada dez anos. <http://www.pnud.org.br/home>.

⁴³ IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico, 1991. PCAXIS. Base de dados: censo demográfico 1991 [programa de computador]. Versão MS-DOS. Brasília: IBGE/UNICEF, 1995.

A propriedade da Igreja Universal possui 450 hectares e fica às margens da rodovia BA-052. A agricultura é intensiva, mecanizada, com técnicas avançadas e alta produtividade. A terra é irrigada por gotejamento, utilizando-se mais 550 km de mangueiras.⁴⁴ Poderosas bombas israelenses retiram as impurezas e bombeiam a água, garantindo irrigação para um espaço do tamanho de cem campos de futebol. A água, captada do subsolo por meio de poços artesianos, é armazenada em duas bacias com capacidade para sete milhões de litros cada.⁴⁵ Dessa forma, a FNC contorna o problema que atinge o pequeno agricultor que não dispõe de recursos para extrair e distribuir adequadamente a água que se acumula nos lençóis freáticos. A fazenda também possui 300 cabeças de gado de corte e leiteiro,⁴⁶ grande parte consumida no próprio complexo.

A maior estrela do projeto, no entanto, não está na agricultura. O Centro Educacional Betel (CEB) é uma escola criada para atender crianças carentes da região. Nela, quinhentos e vinte alunos estudam em período integral, recebendo três refeições diárias, uniformes, material didático, cuidados higiênicos e assistência médica gratuita.⁴⁷ A Igreja Universal se responsabiliza ainda por buscar e levar as crianças à escola e, para isso, dispõe de sete ônibus escolares.⁴⁸ Nas atividades extraclasse, aulas de Judô, canto, marcenaria, informática, pintura, recreação numa brinquedoteca e até natação.⁴⁹ Ao ir embora, toda criança ainda leva consigo uma sacola com pães para ajudar no sustento da casa.

A Fazenda se encarrega ainda de oferecer tratamento médico para os doentes da comunidade, pois dispõe de um mini-hospital e farmácia. As crianças do CEB com problemas visuais recebem consulta com oftalmologista e os óculos gratuitamente. O mesmo se pode dizer do atendimento odontológico. A Fazenda ainda ajuda na alimentação da comunidade. Uma padaria dentro da FNC produz quatro mil pães diariamente, metade consumida pela escola e o complexo e a outra metade distribuída para a comunidade.⁵⁰ Dentro da Fazenda também está o emprego de muitas pessoas. Uma cooperativa de costureiras garante produção e renda para

⁴⁴ *Arca Universal* (26.05.05) Id., Ibid.

⁴⁵ Repórter Record (20.09.04).

⁴⁶ Idem.

⁴⁷ Cf. *Arca Universal* (26.05.05) id. Ibid.

⁴⁸ Repórter Record (20.09.04).

⁴⁹ Idem.

⁵⁰ Ibid.

dezenas de mulheres utilizando máquinas novas e modernas. O mesmo se pode dizer da padaria e a marcenaria, instaladas dentro da fazenda. Segundo dados da IURD, a FNC emprega ao todo cento e oitenta pessoas.⁵¹

Como se pode ver, a presença da FNC é marcante em vários sentidos. Mas aqui se colocam duas perguntas centrais: Por que a cidade escolhida para abrigar esse projeto é Irecê? E ainda, com que roupagem é apresentada a FNC às pessoas? Para responder a essas perguntas é necessário adentrarmos o imaginário popular, entender um mundo sonhado, ideal, que nunca morre, mas que, ao contrário, aloca-se no imaginário, onde espera o seu devido tempo para renascer das cinzas do que já foi Canudos.

Atravessadores da esperança

Irecê é a figura do sofrimento do nordeste: o semi-árido, a caatinga e a seca compõem um cenário que mudou pouco nos últimos cem anos, desde a época de Antonio Conselheiro. É um modelo facilmente identificado com outros municípios nordestinos. O analfabetismo, a seca e o subdesenvolvimento espelhados em Irecê são compartilhados por centenas de vilarejos ao redor do Brasil.

Mas pode haver um motivo maior por trás da escolha de Irecê. Existem muitas outras cidades em condições iguais ou ainda piores que Irecê. Mas ela é uma das poucas que possuem um passado ímpar. Sua escolha não foi mero acaso, pois Irecê é também herdeira da memória de Canudos, tanto geográfica quanto ideologicamente, encontrando-se próxima do que foi a área de influência de Canudos. Nesse mesmo lugar, há mais de cem anos, passou-se anunciando o que seria um reino de paz e prosperidade. Das redondezas do que hoje é Irecê, milhares de pessoas seguiram o Conselheiro atrás de alívio para o sofrimento, cura para o corpo e abrigo espiritual. Dizia-se na época que Belo Monte (Canudos) era a “nova terra de Canaã: ali nem é preciso trabalhar, é a terra da procissão, onde corre um rio de leite e são de cuscuz de milho as barrancas”.⁵²

⁵¹ *Folha Universal* (24.07.05).

⁵² QUEIROZ, M. I. Pereira de. *O Messianismo no Brasil e no Mundo*, p. 227.

O material empregado para construir Canudos há mais de um século naquelas redondezas nunca foi destruído: o sonho e a utopia. Esses são pontos importantes, pois, nas palavras de Mannheim:

A estrutura interna da mentalidade de um grupo nunca pode ser mais claramente captada do que quando tentamos compreender sua concepção do tempo à luz de suas esperanças, aspirações e propósitos. Com base nestes propósitos e expectativas, uma dada mentalidade ordena não só os acontecimentos futuros, mas também os passados.⁵³

Enquanto os elementos que permitiram no passado a construção de Canudos se perpetuarem (a seca e o sofrimento), eles alimentarão o sonho de dias melhores. Dessa maneira, as correntes de memória se mantêm, preservando o sonho no imaginário popular. Irecê é assim, a herdeira ideológica de um sonho que nunca morreu e mais, que nunca arrefeceu. Mesmo não tendo recriado no aqui e agora uma cidade santa, um estado de bem-estar sempre foi ansiado no imaginário. O reino santo ficou oculto durante décadas guardado dentro das pessoas.

Com a FNC, a IURD pôde aproveitar o passado fatídico de Irecê, seu presente de pobreza e os sonhos acumulados para reconstruir um projeto com feições milenaristas. Pretende aproximar o mito da realidade. Como comenta Desroche: “O messianismo só “pega’ – como se diz que o fogo ‘pega’ – quando essa espera e esta realização, aquele que espera e aquele que é esperado, aproximam-se na densidade social a ponto de formar pólo negativo e pólo positivo entre os quais surge a faísca”.⁵⁴ Ao construir a Fazenda Nova Canaã onde construiu, a Universal está aproximando os que buscam do que é buscado, como um atravessador. A IURD é a *intermediária* ou *mediadora* entre os sonhos e esperanças e o povo.

São os discursos produzidos pela Igreja Universal que mais bem expressam esse desejo de apresentar a FNC como uma proposta milenarista ao povo de Irecê. Segundo Marcelo Crivella, sua fundação foi um propósito de Deus: “há dois anos o bispo Macedo mandou me chamar na África e me falou que, durante uma oração, o

⁵³ MANNHEIM, Karl. *Ideologia e Utopia*, p. 233.

⁵⁴ DESROCHE, Henri. *Sociologia da Esperança*, p. 95.

Espírito Santo lhe disse que eu deveria voltar e dirigir esse trabalho”.⁵⁵ Crivella comenta: “a maioria das famílias sertanejas vive na miséria, mas o Projeto Nordeste está levando educação, alimentação e proporcionando às crianças a oportunidade de serem mais felizes”.⁵⁶ Na sua opinião, “a Fazenda Nova Canaã, seus funcionários e voluntários, são usados por Deus para fazer a Sua Justiça”.⁵⁷ Seu propósito é ocupar o espaço no inconsciente coletivo deixado por Canudos. Por isso as citações de Crivella durante a fundação da Fazenda, apresentando-a como a realização de um sonho coletivo: “um sonho é só um sonho, mas quando se sonha junto é o começo da realidade”.⁵⁸ Ainda o início do *Repórter Record*, que abre com a famosa frase de Antonio Conselheiro: “O mar vai virar sertão e o sertão vai virar mar” e, em seguida, mostra imagens da Fazenda,⁵⁹ como se as palavras de Antonio Conselheiro sobre Canudos se cumprissem agora, na Nova Canaã.

Considerações Finais: As delimitações do novo reino milenarista.

A IURD quer fazer crer que a FNC é as primícias da realidade que um dia será experimentada em todo lugar. Isso explica a propaganda que a apresenta como uma “ilha de prosperidade”⁶⁰ em meio à pobreza, uma “realidade de primeiro mundo”⁶¹ no sertão de Irecê. A ênfase está sempre nos contrastes: a abundância de água no meio da seca, a fartura de alimentos que emerge da fome, a casa do desabrigado, a cura para o doente, o alívio para o abatido espiritualmente. Tudo isso *aqui* nesta terra, não num porvir. Devido à sua arquitetura, a FNC é o oposto da realidade. Como cidade milenarista ela oferece saúde, água e a prosperidade, invertendo, *de fato*, a realidade ao seu redor. Sem fazer qualquer apologia ao projeto, pode-se indicar que, contrastando com o resto da paisagem, a FNC venceu o problema da seca, com seus profissionais e equipamentos caríssimos oferece tratamentos médicos, com o plantio altamente irrigado e mecanizado colhe durante

⁵⁵ Entrevista concedida ao Jornal Folha Universal e publicada no *site* da Igreja Universal (26.05.05). Cf. www.arcauniversal.com.br.

⁵⁶ “Projeto Nordeste é justiça divina”. Cf. *site* Projeto Nordeste (26.05.05), www.arcauniversal.com.br/projetonordeste.

⁵⁷ *Idem*.

⁵⁸ *Ibid*.

⁵⁹ *Repórter Record* (20.09.04). A mesma frase é citada no *site* da Igreja Universal (20.05.05) e ligada também à FNC: “‘O sertão vai virar mar’, diz uma conhecida canção, e a esperança descrita nesta frase já começou a acontecer de verdade. O modelo inicial está em Irecê, na Fazenda Nova Canaã, onde atualmente água e vida esta se transformando em coisas comuns na rotina da gente pobre do Nordeste”. Cf. www.arcauniversal.com.br.

⁶⁰ *Site* do Projeto Nordeste (26.05.05), www.arcauniversal.com.br/projetonordeste.

⁶¹ *Repórter Record* (20.09.04).

o ano inteiro, etc... Por esse conjunto de razões, *não dá* para não dizer que a FNC não é diferente da realidade onde está inserida.

Mas aqui, um pequeno detalhe. Diferentemente de Canudos e da Canaã bíblica, de onde vem o seu nome, na FNC as promessas são bastante restritas. Enquanto Canudos congregou milhares de pessoas, na FNC apenas uns poucos “privilegiados” participam das benesses desse reino. Em uma cidade de cinquenta mil habitantes como Irecê, apenas trinta famílias residem na fazenda. Dentre milhares de estudantes, apenas quinhentas e vinte crianças estudam lá. Isso revela o profundo da intenção do projeto, isto é, colonizar o inconsciente sem, contudo, abrir-se ao público em geral.

Finalmente, é possível afirmar que essa colonização do inconsciente é uma tentativa da Igreja Universal ocupar o lugar deixado por Canudos no sonho por dias melhores por parte de uma parcela dos sertanejos. É claro que, como “patrocinadora” desta nova proposta com feições milenaristas, a IURD não apenas é sua mantenedora, mas também aquela que demarcará os limites desse reino de Deus aqui na terra. Ao mesmo tempo em que Universal quer fazer crer que esse é, *verdadeiramente*, um reino milenarista – pela maneira como foi fundada, pela inversão da realidade, pela roupagem com que é apresentada – ela é ainda um excelente produto de marketing a ser apresentado a toda a sociedade. Mas isso não é o mais difícil, afinal essa é a Igreja Universal do Reino de Deus, o mais bem sucedido empreendimento religioso do Brasil e detentora de um império de comunicações.

BIBLIOGRAFIA

AUBRÉE, Marion. “A Difusão do Pentecostalismo Brasileiro na França e na Europa: o Caso da Igreja Universal do Reino de Deus”. In: *Estudos de Religião*, Ano XVI, n. 23, 2002, pp.12-21.

BASTIDE, Roger. *El Sueño, el Trance y la Locura*. Buenos Aires: Amarrortu, 1976.

BASTIDE, Roger. *Le Sacré Sauvage et Outres Assais*. Paris: Payot, 1975.

BASTIDE, Roger. “Sociologia do Sonho”. In: CAILLOIS, Roger, GRUNEBaum, G. E. Von. *O Sonho e as Sociedades Humanas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978, pp.137-148.

BERGER, Peter. *O Dossel Sagrado*. São Paulo: Paulus, 1885.

- BONFATTI, Paulo. *A Expressão Popular do Sagrado*. São Paulo: Paulinas, 1998.
- BONFATTI, Paulo. "Sobre as Categorias Universais: Relevantes Aspectos Observados na Igreja Universal do Reino de Deus". In: *Revista Rhema de Teologia e Filosofia*. v. 5, n. 19. Disponível em: <<http://www.artnet.com.br/~bonfatti/artigo.doc>>.
- BOURDIEU, Pierre. *Economia das Trocas Simbólicas*. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1982.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. "O Marketing e as Estratégias de Comunicação da Igreja Universal do Reino de Deus". In: *Revista Estudos de Religião*, Ano XII, n. 15, 1998, pp.21-38.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. "O Milenarismo Intramundano dos Novos Pentecostais Brasileiros". In: *Estudos de Religião*, Ano XIV, n. 18, de 2000.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. "O Messianismo – Análise Sociológica de um Caso: Uma Comunidade 'protestante' no Catulé". In: *Estudos de Religião*, Ano X, n. 11, 1995, pp. 54-67.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. *Templo, Teatro e Mercado: Organização e Marketing de um Empreendimento Neopentecostal*. São Paulo/São Bernardo do Campo/Petrópolis: Umesp/Simpósio/Vozes, 1997.
- CONSORTE, Josideth Gomes. "A Mentalidade Messiânica". In: *Revista Ciências da Religião*, n. 1, 1983.
- CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. São Paulo: Cultrix, 1973.
- DESROCHE, Henri. *Dicionário de Messianismos e Milenarismos*. São Bernardo do Campo: Umesp, 2000.
- DESROCHE, Henri. *Sociologia da Esperança*. São Paulo: Paulinas, 1985.
- DOSSIÊ CANUDOS. In: *Revista USP*, n. 20, 1994.
- DUVIGNAUD, Jean, DUVIGNAUD, Françoise, CORBEAU, Jean-Pierre. *El Banco de los Sueños*. México: Fondo de Cultura Económica, 1981.
- FRESTON, Paul. "A Igreja Universal do Reino de Deus e o Campo Protestante no Brasil". In: *Estudos de Religião*, Ano XII, n. 15, 1998, pp. 9-19.
- FREUD, Sigmund. *A Interpretação dos Sonhos*. Rio de Janeiro: Imago, 2001.
- GIDDENS, Anthony. *As Conseqüências da Modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991.
- HALBWACHS, Maurice. *Les Cadres Sociaux de la Mémoire*. Paris: Albin Michel, 1994.
- HALBWACHS, Maurice. *La Mémoire Collectif*. Paris: Albin Michel, 1997.
- MANNHEIM, Karl. *Ideologia e Utopia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.

MARIANO, Ricardo. *Neo Pentecostais: Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. "Sindicato de Mágicos: Pentecostalismo e Cura Divina". In: *Estudos de Religião*, Ano VI, n. 8, 1992, pp. 49-59.

MONTEIRO, Douglas Teixeira Monteiro. "Um Confronto entre Juazeiro, Canudos e Contestado". In: FAUSTO, Boris et al. *História Geral da Civilização Brasileira: o Brasil Republicano*. Vol. III. São Paulo/Rio de Janeiro: DIFEL/DIFUSÃO, 1977, pp. 41-92.

MORE, Thomas. *A Utopia*. São Paulo: Martin Claret, 2002.

MOURÃO, Lais. "Contestado: A Geração Social do Messias". In: *Cadernos CERU*, n. 7, série 1, 1974.

QUEIROZ, M. I. Pereira de. *O Messianismo no Brasil e no Mundo*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1976.

RIVERA, Paulo Barrera. *Tradição, Transmissão e Emoção Religiosa: Sociologia do Protestantismo Contemporâneo na América Latina*. São Paulo: Olho d'Água, 2001.

RODRIGUES, Carlos, CRIVELLA, Marcelo. *501 Pensamentos do Bispo Macedo*. Rio de Janeiro: Gráfica Universal, 2002.

TOURAINÉ, Alain. *Crítica da Modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1994.

WEBER, Max. *Economia e Sociedade: Fundamentos da Sociologia Compreensiva*. Brasília: UNB, 1991.

Jornais e Revistas

Folha Universal, n. 694, 24/07/05.

Revista Veja, n. 1914, 20.07.05

Revista Plenitude, ano 24, n. 122, Julho 2005.

Sites

Arca Universal: www.arcauniversal.com.br (26.05.05)

IBGE: www.ibge.gov.br

Projeto Nordeste: www.arcauniversal.com.br/projetonordeste (26.05.05)

Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento:
<http://www.pnud.org.br/home/> (19/07/05)